

DIOCESE DE VILA REAL

DINÂMICA PARA O TEMPO DA QUARESMA

CENTENÁRIO DO I CONGRESSO LITÚRGICO

(1926-2026)

FONTE QUE GERA VIDA

DA LITURGIA CELEBRADA À VIDA TRANSFORMADA



2026

INTRODUÇÃO

Ao entrarmos no Tempo Santo da Quaresma, a Igreja convida-nos a descer ao mais profundo dos nossos corações, para aí escutarmos a voz de Deus que nos convida à conversão e a uma vida nova. Este é um tempo de despojamento e de esperança, de silêncio fecundo e de uma luz que se anuncia, preparando-nos para a celebração do Mistério Pascal, centro da nossa fé.

Neste ano, a nossa diocese de Vila Real vive esta caminhada com especial significado. Celebramos o centenário do primeiro Congresso Litúrgico, aqui realizado em 1926, acontecimento que marcou o início do Movimento Litúrgico em Portugal e reacendeu, no coração da Igreja, o desejo de beber de novo na fonte viva da liturgia. Não como quem olha o passado com saudade, mas como quem acolhe um dom que continua a gerar vida.

A liturgia é essa fonte que brota no meio da noite, silenciosa e luminosa. Nela, Cristo oferece-Se a nós, como água viva que purifica, renova e faz florescer o deserto do nosso coração. Cada celebração é este lugar de encontro, cada gesto é linguagem do Mistério, cada palavra proclamada é semente lançada à terra da nossa vida. Celebrar é deixar-se transformar.

Com esta dinâmica quaresmal, queremos redescobrir a liturgia como fonte de vida nova, capaz de iluminar o caminho, de dar forma à nossa oração e de unir a fé celebrada à vida quotidiana. Somos convidados a escutar com mais atenção, a contemplar com mais profundidade, a celebrar com maior verdade, para que o que acontece no altar se prolongue na vida de cada dia.

Ao longo deste percurso, pequenos gestos, palavras e silêncios ajudar-nos-ão a mergulhar mais profundamente no mistério que celebramos. Como peregrinos da Páscoa, caminhamos guiados por uma luz discreta, mas firme, aquela que nasce da liturgia e nos conduz da celebração à conversão, do rito à vida transformada.

Que este tempo de Quaresma, vivido em comunhão por toda a diocese, nos conduza à fonte que não seca, nos renove interiormente e nos prepare para celebrar a Páscoa do Senhor com um coração novo. E que a herança espiritual do Congresso de 1926 continue a dar fruto, hoje e sempre, na vida do nosso povo.

ORIENTAÇÕES GERAIS PARA VIVER A QUARESMA

Estas orientações destinam-se a ajudar as comunidades da diocese de Vila Real a viver a Quaresma como tempo de conversão celebrada, cuidando a liturgia como fonte de vida espiritual e expressão da fé da Igreja.

Cuidar a liturgia é cuidar da fonte onde nasce a vida da Igreja.

A Quaresma é um tempo em que a Igreja se aproxima novamente da fonte, não para inventar novos caminhos, mas para purificar o modo como celebra e, assim, renovar a vida dos fiéis. Celebrar melhor não significa fazer mais, mas fazer com verdade, com beleza e com fé.

- A liturgia não é um espaço de explicações constantes nem um lugar de criatividade pessoal. É ação da Igreja, Obra de Deus, recebida e transmitida. Quando os ritos são bem preparados e celebrados com sobriedade, tornam-se claros por si mesmos e conduzem ao mistério que anunciam. Por isso, durante a Quaresma, é importante resistir à tentação de encher tudo de palavras e permitir que os gestos, os tempos e os silêncios falem.
- O silêncio tem um lugar essencial neste tempo. Antes de começar a celebração, depois do ato penitencial, após a homilia e no final da Sagrada Comunhão, o silêncio ajuda a Palavra a descer ao coração, como a água que penetra lentamente na terra. Um silêncio verdadeiro não é vazio, é oração partilhada.
- A Palavra de Deus deve ser proclamada com dignidade e cuidado. Uma leitura bem preparada, proclamada com calma, clareza e fé, torna-se verdadeira semente lançada em terra boa. O ambão não é um simples púlpito funcional, é o lugar onde Deus fala ao seu povo. Por isso, tudo o que distrai ou banaliza este momento deve ser evitado.
- Os sinais e os símbolos da liturgia quaresmal pedem simplicidade. A sobriedade do espaço celebrativo ajuda a centrar o olhar no essencial. Poucos sinais, bem escolhidos e estáveis ao longo do tempo, falam mais do que muitos elementos dispersos. A água, a cruz, a luz discreta e a ausência de arranjos florais ajudam a criar um clima orante e verdadeiro.
- A Quaresma convida também a redescobrir a centralidade da Cruz, sinal maior do amor que se entrega e do mistério que celebramos. Muitas vezes sentimo-nos tentados a criar dinâmicas paralelas, símbolos adicionais ou gestos inventados, com a intenção de tornar a celebração mais “apelativa”. No entanto, nem sempre essas iniciativas ajudam a entrar no mistério; por vezes distraem, fragmentam o olhar e não produzem verdadeiro fruto espiritual. A Igreja, com

a sabedoria de séculos, ensina-nos caminhos simples e profundamente eficazes, celebrar com uma cruz bem visível no altar, clara e única, que conduza o olhar e o coração de todos para o mistério pascal; permitir que esse sinal fale por si, sem ser ofuscado por outros elementos. É urgente abandonar os atentados à liturgia que estas dinâmicas provocam.

- Do mesmo modo, o gesto de velar as imagens dos santos a partir do V Domingo da Quaresma não é uma perda nem um empobrecimento, mas um caminho pedagógico que ajuda a centrar a atenção no essencial. Ao ocultar as imagens, a Igreja educa o olhar para a Cruz, preparando-o para a revelação plena da glória pascal. Estes gestos, simples e tradicionais, não precisam de ser substituídos por outras dinâmicas pois quando são vividos com verdade, conduzem com segurança ao coração do mistério celebrado.
- A liturgia envolve o corpo inteiro. As procissões, as posturas e os gestos devem ser vividos com unidade e atenção. Gestos apressados ou desleixados enfraquecem o que se celebra. Quando o corpo celebra com verdade, também o coração se abre à conversão.
- No centro de toda a Quaresma está a Eucaristia. Cada Santa Missa é fonte de vida nova, mesmo quando o tempo litúrgico é marcado pela penitência. Preparar bem o ofertório, cuidar o ritmo da oração eucarística (dando prevalência ao Cânon Romano, pela Teologia nele presente) e valorizar o silêncio após a comunhão ajuda a perceber que o que se celebra no altar não termina ali, mas quer transformar a vida.
- A música litúrgica deve servir o mistério celebrado. Durante a Quaresma, o canto é mais contido, mais orante, mais sóbrio. Não se canta para preencher espaços, mas para sustentar a oração comum. O silêncio, em muitos momentos, é também uma forma elevada de participação.
- A assembleia não é espectadora da liturgia, mas sujeito da celebração. Toda a comunidade é chamada a participar interiormente, escutando, respondendo, cantando e rezando em comunhão. Quando a assembleia celebra unida, a liturgia revela mais claramente o rosto da Igreja.
- Finalmente, a liturgia quaresmal pede coerência com a vida. A celebração não pode ficar fechada dentro da igreja. As intenções da oração, os gestos penitenciais e a escuta da Palavra devem abrir o coração à reconciliação, à caridade e à atenção aos mais frágeis. A liturgia gera vida quando se prolonga em gestos concretos.

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

“Voltar à água é voltar a quem somos.”

O Sentido Litúrgico e Espiritual

A Quaresma é um itinerário de regresso a ‘casa’ e ao essencial. Frequentemente, iniciamos este tempo focados apenas no esforço humano, na penitência e no sacrifício. Contudo, a Igreja recorda-nos que a conversão cristã não começa na nossa força de vontade, mas na graça que já recebemos. Começa no Batismo.

Após o tempo de pandemia, muitos gestos corporais de fé caíram em desuso, entre eles o de tomar água benta à entrada das igrejas. Este gesto simples não é um costume folclórico; é um memorial batismal. É o corpo a dizer à alma: "Tu pertences a Cristo". Por isso, a dinâmica deste ano começa com um movimento paradoxal: recebemos as cinzas para lembrar a nossa fragilidade, mas olhamos para a água para lembrar a nossa dignidade. As cinzas dizem-nos que somos pó; a água diz-nos que somos filhos amados e regenerados.

Proposta de Dinamismo Litúrgico:

Para esta celebração, sugere-se que as pias de água benta da igreja sejam limpas e enchidas novamente com água digna, benzida e limpa. Não se trata de criar um momento dentro da Missa, mas de valorizar o limiar do templo.

No início da celebração, ou no momento do ato penitencial, o sacerdote pode fazer uma breve monição mistagógica, ligando a cinza à água: "Hoje, a cinza recordará a nossa terra; mas a água que nos acolheu à entrada recorda o Céu que nos habita. Só quem se sabe amado pelo Batismo tem coragem para fazer penitência."

Gesto Concreto para a Comunidade

Convida-se toda a assembleia a retomar, a partir de hoje e ao longo de toda a Quaresma (e não só!), o hábito de fazer o sinal da cruz com água benta ao entrar e sair da igreja. Que não seja um gesto mecânico, mas lento e orante, ou seja, com a sóbria lentidão de que falam os autores. É o primeiro passo da conversão: reconhecer a fonte de onde viemos.

I DOMINGO DA QUARESMA

A fidelidade à Fonte

O Sentido Litúrgico e Espiritual

Neste Ano A, o Espírito conduz Jesus ao deserto para ser tentado. O deserto é o lugar da sede extrema, onde a "vinha" da nossa alma corre o risco de secar. O tentador propõe a Jesus que resolva a sua fome transformando pedras em pão, ou seja, que viva da matéria e do imediato. Jesus vence a tentação afirmando que a vida do homem não depende apenas do pão, mas da Palavra que sai da boca de Deus. Para a nossa dinâmica, este domingo é o confronto com a aridez. A cepa (nós) está no deserto. Como sobreviver? Voltando à Fonte. A tentação é procurar "água suja" (poder, vaidade, egoísmo). A vitória é permanecer fiel à água viva da vontade do Pai.

Proposta de Dinamismo Litúrgico

Para dar visibilidade a esta realidade, sugere-se que o Rito do Ato Penitencial seja, excepcionalmente neste domingo, substituído pelo Rito da Bênção e Aspersão da Água (previsto no Missal Romano para os Domingos).

- O sacerdote abençoa a água, percorre a nave aspergindo a assembleia, enquanto se canta um cântico de cariz batismal ou penitencial.
- Este gesto visual e sensível toca os fiéis: sentir a água é recordar a graça.
- Se a aspersão não for possível, que se valorize visualmente a Pia Batismal (com uma iluminação focal ou simplesmente garantindo que está visível e digna), e que na homilia se faça referência explícita a este "útero" da Igreja.

Na Vida da Comunidade

Ao longo da semana, os fiéis são convidados a agradecer o dom do seu Batismo. A frase que nos acompanha é: *"No deserto, a fonte sustém a vida."*

Não lutamos sozinhos contra o mal; lutamos revestidos de Cristo.

II DOMINGO DA QUARESMA

A antecipação da Glória

O Sentido Litúrgico e Espiritual

Jesus sobe ao monte e o Seu rosto brilha como o sol. Neste Ano A, a voz do Pai diz: "*Este é o meu Filho amado, em quem pus a minha complacência*". Na agricultura, sabemos que a vinha precisa de sol para que o fruto ganhe açúcar e qualidade. A Transfiguração é esse "banho de luz" que prepara os discípulos para o escândalo da Cruz. Antes de descerem ao vale da Paixão, eles veem a glória. A dinâmica aqui foca-se na Escuta ("Escutai-O"). A Palavra de Deus é a luz que incide sobre a cepa e a faz crescer. Sem esta luz, a fé fica amarela e estéril.

Proposta de Dinamismo Litúrgico

Neste domingo, a centralidade deve recair sobre a “Mesa da Palavra” (Ambão). A “dinâmica” não deve ser adicionar objetos, mas solenizar o rito da proclamação.

- Procissão do Evangelíario: Sugere-se que, no momento da Aclamação ao Evangelho, se faça uma procissão solene com o Evangelíario, nunca com o Lecionário, acompanhada de velas e incenso (se oportuno), sublinhando que é o próprio Cristo quem vai falar.
- Silêncio Pós-Homilético: É crucial recuperar o silêncio sagrado após a homilia. Não um silêncio breve e inquieto, mas uma pausa prolongada que permita à “água da Palavra” descer até às raízes do coração.

Na Vida da Comunidade

O desafio para a semana é a escuta. Vivemos num tempo de ruído excessivo. A comunidade é convidada a trocar o muito falar pelo muito escutar: ler um trecho do Evangelho diariamente ou praticar uma escuta mais atenta e caridosa com os irmãos. A frase que levamos connosco é: “*A água da Palavra faz crescer a cepa.*”

III DOMINGO DA QUARESMA

Dá-me de beber

O Sentido Litúrgico e Espiritual

Aqui entra o grande itinerário batismal do Ano A. Jesus senta-se junto ao poço e pede água a uma mulher. O diálogo é fascinante: Ele oferece uma "água que se tornará nela uma nascente a jorrar para a vida eterna". Este Evangelho é o coração da nossa dinâmica "Fonte que gera Vida". A Samaritana somos nós, com os nossos cântaros vazios, procurando saciar a sede em amores falhados e cisternas rotas. Jesus revela-Se como a Fonte definitiva. Para a imagem da vinha: a cepa precisa de água profunda, não apenas de orvalho superficial. Só quem bebe de Cristo consegue dar fruto que não seca.

Proposta de Dinamismo Litúrgico

Neste domingo, a atenção volta-se para o carácter penitencial e para a verdade interior.

- Ato Penitencial Reforçado: Sugere-se que o Ato Penitencial no início da Missa seja vivido com maior densidade. Pode usar-se a fórmula dos "tropos" (Kyrie, eleison com invocações).
- A Cruz no Horizonte: Embora ainda não estejamos na Paixão, a Cruz deve começar a ganhar destaque visual no presbitério. Ela é o instrumento supremo da poda do egoísmo humano.
- Oração Universal: Incluir uma prece muito concreta pela conversão dos corações endurecidos e pela coragem de cortar com o pecado.
- Se houver catecúmenos (batismo de adultos), celebra-se hoje o primeiro escrutínio. Se não houver, a comunidade reza pelos que se preparam para a Páscoa.

Na Vida da Comunidade

A proposta para os fiéis é a coragem da renúncia. Não se trata de penitências abstratas, mas de identificar concretamente "um ramo seco" na própria vida (um rancor, um gasto supérfluo, um vício, a falta de oração) e ter a coragem de o cortar. A Quaresma é o tempo favorável para voltar ao Sacramento da Reconciliação, deixando que Deus retire o que está a mais. A síntese deste domingo é clara: "Quem se deixa podar, dá fruto."

IV DOMINGO DA QUARESMA

Eu vim para que vejam

O Sentido Litúrgico e Espiritual

Na agricultura, sabemos que a água e a poda são essenciais, mas sem a luz do sol o fruto não ganha docura nem cor. Na vida espiritual acontece o mesmo. Este domingo, tradicionalmente chamado *Laetare* (Alegrai-vos), marca o meio do caminho quaresmal. A Igreja abre uma janela de esperança: a penitência não é um fim em si mesma, mas um caminho para a Luz.

O Evangelho do cego de nascença (ou a temática da luz própria deste dia) recorda-nos que a nossa maior doença não é a fragilidade do corpo, mas a cegueira do coração. Muitas vezes, julgamos a realidade apenas pelas aparências, pelas sombras dos nossos preconceitos. Jesus apresenta-Se como a "Luz do Mundo" que não revela apenas a realidade, mas que aquece e amadurece a fé. Deixar-se iluminar é aceitar a verdade sobre nós mesmos, sem medo, porque essa luz é misericordiosa. É o momento de perceber que a vida cristã não é um túnel escuro, mas uma caminhada orientada para o sol da Páscoa.

Proposta de Dinamismo Litúrgico

Neste domingo, a liturgia permite uma quebra na austeridade quaresmal para antecipar a alegria pascal.

- **A Iluminação do Espaço:** Se a arquitetura da igreja o permitir, deve valorizar-se a luz natural ou intensificar ligeiramente a iluminação do presbitério. O uso de paramentos cor-de-rosa (se disponíveis) constitui um sinal visual deste "respiro" de esperança.
- **O Símbolo da Luz na Procissão:** Na procissão de entrada, pode valorizar-se o transporte de velas ou lanternas a acompanhar a Cruz processional, sublinhando que a Cruz é gloriosa e luminosa.
- **Música:** O canto pode assumir um tom ligeiramente mais festivo e confiante, embora ainda sem o Glória nem o Aleluia, criando uma tensão de esperança.

Na Vida da Comunidade

A proposta para a semana é "limpar o olhar". A luz de Cristo convida-nos a ver os irmãos com misericórdia e não com julgamento. O desafio concreto pode ser rezar por alguém com quem temos dificuldade de relacionamento, tentando vê-lo "com os olhos de Deus". A frase que nos guia é: "A luz de Cristo faz amadurecer o fruto."

V DOMINGO DA QUARESMA

Na cruz, o fruto torna-se dom.

O Sentido Litúrgico e Espiritual

Chegados a este Domingo, a atmosfera muda radicalmente. Entramos no tempo da Paixão. A vinha está formada, o fruto amadureceu, e agora a Igreja conduz-nos ao mistério central: a Cruz. Já não estamos apenas a caminhar; estamos a preparar-nos para a "hora" de Jesus.

Neste domingo, a imagem da vinha atinge o seu auge dramático: o fruto não foi criado para ser guardado ou admirado, mas para ser entregue. O grão de trigo tem de cair à terra. A Cruz deixa de ser um símbolo entre outros para se tornar o centro absoluto do olhar da comunidade. Ela é a verdadeira "Árvore da Vida" plantada no meio do jardim da história. A liturgia torna-se mais sóbria, mais densa, focada no amor que se dá até ao extremo. Compreendemos que a fecundidade cristã nasce da entrega: só o amor que se doa gera vida verdadeira.

Proposta de Dinamismo Litúrgico

A pedagogia da Igreja para este tempo é visualmente muito forte através da ocultação, para despertar o desejo do essencial.

- O Véu das Imagens: Recomenda-se vivamente a prática tradicional de cobrir as cruzes e as imagens dos santos com véus roxos, a partir das Vésperas deste domingo (opcional).
 - Este gesto não é um empobrecimento, é uma catequese: ao ocultar a beleza das imagens, a Igreja força o olhar a concentrar-se no essencial que será revelado na Sexta-feira Santa. O "jejum visual" aguça a visão interior.
- Centralidade da Cruz: Se houver uma cruz fixa que não possa ser velada, ou se se optar por velar apenas as imagens laterais, a Cruz do altar deve ter o destaque máximo. Nada deve competir com ela.
- Orações e Prefácio: Os textos litúrgicos mudam (Prefácio da Paixão I). O tom da celebração deve ser de grande recolhimento e gravidade, evitando comentários excessivos. O silêncio deve "pesar" no espaço sagrado.

Na Vida da Comunidade

Os fiéis são convidados a contemplar o mistério da Cruz, não como instrumento de tortura, mas como trono de amor. Durante a semana, sugere-se que em cada casa se coloque um crucifixo em destaque e se reze diante dele um Pai-Nosso, agradecendo o preço da nossa salvação. A frase síntese é profunda: "*Na cruz, o fruto torna-se dom.*"

DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR

O fruto amadurecido entra no lagar.

O Sentido Litúrgico e Espiritual

O itinerário quaresmal atinge aqui o seu limiar. A vinha foi cuidada, o fruto amadureceu e, neste dia, entra solenemente em Jerusalém. Mas é um dia de contrastes profundos: começamos com ramos verdes e hossanas, e terminamos com o relato dramático da Paixão e Morte.

A imagem do "lagar" torna-se agora central. Na tradição bíblica e na cultura das nossas gentes, o fruto não é colhido para ser guardado intacto, mas para ser esmagado. Só assim se transforma em vinho. Jesus entra em Jerusalém não para ser coroado com glória humana, mas para Se entregar no lagar da Cruz. O ramo que seguramos nas mãos é um sinal ambíguo: confessa a realeza de Cristo, mas compromete-nos a segui-l'O até ao Calvário. Não podemos ficar apenas no entusiasmo da entrada; somos chamados a permanecer na fidelidade da entrega.

Proposta de Dinamismo Litúrgico

A celebração deve marcar claramente a transição da alegria para a gravidade.

- A Procissão: Começar fora da igreja (ou num local distinto) com a bênção dos ramos, vivendo a alegria da aclamação.
- A Paixão: O centro da Liturgia da Palavra é a proclamação da Paixão. Deve ser lida ou cantada com extrema dignidade, por vários leitores, sem pressa. É a Palavra que interpreta o rito: o Rei aclamado é o Servo sofredor.
- O Silêncio: Após a leitura da Paixão, um silêncio breve, mas denso é mais eloquente do que qualquer homilia longa.

Na Vida da Comunidade

Os fiéis levam o ramo para casa. Que não seja apenas um amuleto, mas um lembrete colocado junto ao crucifixo: *"Eu aclamei-O, agora devo segui-l'O."* A frase que nos orienta é: *"O fruto amadurecido entra no lagar por amor."*

SAGRADO TRÍDUO PASCAL

Entramos agora no "Santo dos Santos" do tempo. A partir da tarde de Quinta-feira, a Igreja não "faz" coisas; a Igreja deixa-se fazer por Cristo.

QUINTA-FEIRA SANTA – MISSA VESPERTINA DA CEIA DO SENHOR

O fruto amadurecido torna-se cálice oferecido.

O Sentido Litúrgico e Espiritual

Na Última Ceia, Jesus antecipa sacramentalmente o que vai acontecer na Cruz. O fruto da vinha, o trabalho dos homens, é tomado nas Suas mãos e transformado em Sangue da Nova Aliança. Antes de o Seu Sangue ser derramado violentamente pelos soldados, é derramado livremente por Amor no cálice eucarístico.

É o dia do Amor sem limites, manifestado no serviço (Lava-pés) e na entrega (Eucaristia). Compreendemos aqui que a vida cristã, tal como a vida da vinha, tem como destino final tornar-se "alimento e alegria" para os outros. Quem bebe deste Cálice aceita entrar na lógica do serviço humilde.

Proposta de Dinamismo Litúrgico

- O Altar: Deve ser preparado com nobreza e solenidade, pois é o centro da Ceia.
- O Lava-pés: Se realizado, deve ser sóbrio e verdadeiro. Não é uma peça de teatro; é um gesto profético que explica o que é a Eucaristia.
- A Transladação: No final, a procissão para o lugar da reposição (que deve ser ornamentado como um trono, com flores e velas) não é um funeral, mas um acompanhamento de Jesus ao Jardim das Oliveiras. O desnudamento do altar após a celebração é um gesto fortíssimo: a Igreja começa a entrar no luto e na nudez da Cruz.

Na Vida da Comunidade

A noite convida à adoração. As igrejas devem permanecer abertas para que os fiéis possam "velar uma hora" com o Senhor, agradecendo o dom infinito da Eucaristia e do Sacerdócio.

SEXTA-FEIRA SANTA – CELEBRAÇÃO DA PAIXÃO DO SENHOR

No lagar da cruz nasce o vinho da vida.

O Sentido Litúrgico e Espiritual

Hoje a Igreja não celebra a Eucaristia. O altar está nu. O silêncio é total. Contemplamos o mistério do "lagar da cruz": Cristo é esmagado pelo peso do pecado do mundo para que, das suas feridas, brote o vinho novo da salvação.

Do lado aberto de Jesus brotam sangue e água. Aqui, todo o nosso itinerário se une: a água (fonte do Batismo) e o sangue (vinho da Eucaristia) nascem do mesmo coração trespassado. A Cruz não é vista como derrota, mas como o trono de onde reina o Amor.

Proposta de Dinamismo Litúrgico

A liturgia é a própria dinâmica: austera, nua, poderosa.

- O Silêncio Inicial: A entrada dos ministros em silêncio e a prostração no chão são o grito mais alto que a Igreja pode dar.
- A Adoração da Cruz: Este é o gesto central. A Cruz deve ser única (evitar várias cruzes). O ósculo na Cruz é o nosso "Amen" pessoal à salvação.
- A Oração Universal: Solene e abrangente, recordando que o sangue de Cristo foi derramado por toda a humanidade.

Na Vida da Comunidade

Dia de jejum e abstinência, não apenas de comida, mas de ruído. - É um dia para o silêncio interior e para a oração diante do Crucifixo. A síntese é: "*No lagar da cruz nasce a vida.*"

SÁBADO SANTO – VIGÍLIA PASCAL

*Da fonte brota a vida, do lagar nasce o vinho,
da cruz surge a glória: Cristo vive.*

O Sentido Litúrgico e Espiritual

Esta é a "Mãe de todas as Vigílias". A noite é rasgada pelo Fogo Novo. A longa espera termina. A imagem da água regressa com força total: a Pia Batismal é o ventre da Igreja onde nascem os filhos de Deus. Tudo o que vivemos na Quaresma — o deserto, a sede, a poda, a cruz — desemboca nesta alegria torrencial: Cristo ressuscitou! A vinha floresceu eternamente.

Proposta de Dinamismo Litúrgico

- A Luz: Valorizar o contraste entre a escuridão total e a luz progressiva do Círio Pascal e das velas dos fiéis. A luz vence as trevas.
- A Água: É o momento alto da nossa dinâmica diocesana. A bênção da água deve ser solene. Ao aspergir a assembleia (com generosidade!), recordamos a todos: "Esta é a vossa fonte. Sois batizados. Sois vivos em Cristo".
- A Alegria: O *Aleluia* regressa, os sinos tocam, o altar é vestido de festa.

Na Vida da Comunidade

Saímos da Vigília transformados. A Quaresma cumpriu a sua missão: levou-nos à Fonte para sermos renovados. A missão agora é levar esta Água Viva e este Vinho Novo ao mundo. A frase final do nosso caminho: "*Da fonte brota a vida, do lagar nasce o vinho, Cristo vive!*"

A BELEZA QUE SALVA: UM CAMINHO A PERCORRER

O desafio de 1926 e a renovação da vida interior

Ao lançarmos este itinerário para a Quaresma e Semana Santa, sob o lema «Fonte que gera Vida», o nosso olhar projeta-se com esperança sobre o tempo santo que se aproxima. Esta dinâmica não pretende ser apenas uma sugestão de atividades pastorais, mas um convite vibrante à fidelidade eclesial. Na nossa diocese de Vila Real, caminhar para o centenário do I Congresso Litúrgico (1926) exige-nos, hoje como ontem, recuperar a consciência de que a liturgia é a "fonte e o cume" da vida cristã, o lugar onde a Igreja reaprende a ser ela mesma.

Para as semanas que se avizinharam, propomos um regresso ao essencial: reconhecer que a liturgia não é propriedade nossa, mas ação de Cristo. O nosso desejo é que a beleza das nossas celebrações não dependa da multiplicação de artifícios, mas da transparência do Mistério. Somos chamados a redescobrir que, quando a liturgia é celebrada com verdade — respeitando a nobre simplicidade dos ritos, que não é simplismo autorrecreativo, e a dignidade do silêncio — ela deixa de ser um ritual exterior para se tornar uma verdadeira "janela para o Céu".

Esta é a aposta desta dinâmica: confiar na "via da beleza" como força transformadora. Queremos que as nossas comunidades, ao serem lavadas na água do Batismo, recordem a sua pureza original. Queremos que, ao escutarem a Palavra no silêncio sagrado, aprendam a escutar os clamores do mundo. Queremos que, ao contemplarem o mistério da Cruz, não vejam apenas madeira, mas o trono do Amor que se entrega, redescobrindo assim, através da liturgia, a fonte mais rica de espiritualidade que a Igreja preservou ao longo dos séculos.

Contudo, sabemos que a riqueza deste Tempo Santo transborda do Altar para a vida devocional do povo de Deus. Por isso, valorizamos profundamente os exercícios de piedade que, embora distintos da ação litúrgica, nela encontram a sua fonte e para ela nos conduzem. A oração da Via-Sacra, a meditação da Paixão do Senhor e a Adoração Eucarística são caminhos preciosos que educam o coração para o mistério. Do mesmo modo, exortamos a que este seja um tempo de verdadeira reconciliação, através das celebrações penitenciais (que ainda são tão desconhecidas e que o ritual da penitência apresenta de forma tão rica) e do Sacramento da Penitência, onde a "vinha" da nossa alma é podada e curada pelo perdão divino. Esta conversão interior deve, inevitavelmente, tornar-se visível na caridade concreta, através da esmola e da generosidade na Renúncia Quaresmal, pois a oração que não se faz dom ao irmão permanece estéril.

A herança dos nossos antepassados de 1926 lança-nos este desafio urgente: fazer da liturgia a grande escola da vida interior, sem esquecer a devoção que aquece o quotidiano. O princípio

antigo *lex orandi, lex vivendi* (a regra da oração é a regra da vida) recorda-nos que o culto agradável a Deus só se completa numa vida transformada. O fruto da vinha, que no altar se tornará Sangue de Cristo, deverá depois tornar-se caridade nas nossas mãos.

Que esta Quaresma seja, pois, um tempo de renovação profunda para a nossa diocese. Que saibamos cuidar dos nossos altares, dos nossos gestos e do nosso silêncio, para que a beleza de Deus possa tocar e curar o coração do Seu povo. A fonte está lá, sempre a correr; a nós, ramos da videira, cabe-nos a decisão de permanecer n'Ele para dar fruto abundante.

O Congresso de 1926 acendeu uma luz, que embora esquecida e desconhecida pela esmagadora maioria, não podemos deixar apagar. Que este itinerário nos ajude a fazer de cada Eucaristia o centro vital de onde tudo parte e para onde tudo regressa.

